



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TOCANTINS - CAMPUS GURUPI
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

SEBASTIANA LIMA

**TEORIA E PRÁTICA – UM OLHAR A PARTIR DE OBSERVAÇÕES
E INTERVENÇÕES REALIZADAS NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA**

GURUPI-TO

2017

SEBASTIANA LIMA

**TEORIA E PRÁTICA – UM OLHAR A PARTIR DE OBSERVAÇÕES
E INTERVENÇÕES REALIZADAS NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – Campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientador: Professor Esp. Manuel Tomaz Ataíde Junior.

GURUPI-TO

2017

Lima, Sebastiana

Teoria e prática – um olhar a partir de observações e intervenções realizadas no estágio de regência – Gurupi - TO, 2017.

42 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi - TO, 2017.

Orientador: Professor Manoel Tomaz Ataíde Junior.

1. Teoria e Prática. 2. Arte-educação. 3. Estágio Supervisionado. I. Título

SEBASTIANA LIMA

**TEORIA E PRÁTICA – UM OLHAR A PARTIR DE OBSERVAÇÕES
E INTERVENÇÕES REALIZADAS NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – Campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientador: Professor Esp. Manuel Tomaz Ataíde Junior

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Profº Esp. Manuel Tomaz Ataíde Junior.

Presidente da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Profº Dr. Helber Veras Nunes

Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Profª Ma. Anne Raelly Pereira de Figueiredo

Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Dedico este trabalho primeiramente ao meu Deus, pela força, coragem e vontade que ele me proporcionou para realizá-lo, apesar dos obstáculos.

Aos meus colegas que sempre contribuíram como podia para que eu não desistisse, e ao meu orientador pela paciência e ao mesmo tempo sua dedicação para que eu pudesse fazer o melhor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me deu forças e coragem para prosseguir mesmo quando obstáculos se interpuseram durante os anos de estudos.

Aos meus professores por transmitirem seus conhecimentos coerentemente com as necessidades dos acadêmicos, por não medirem esforços em nos auxiliar em nossa nova caminhada rumo ao descobrimento da significação da Arte. Ao Mário (companheiro) e Andréia (filha) que sempre ficaram do meu lado em minhas decisões.

À minha mãe, que me deu uma boa base educacional e me ensinou a persistir sempre.

Aos meus colegas de sala que sempre me ajudaram nos trabalhos em grupo ou individual.

À equipe da escola na qual trabalho pelo apoio prestado na organização dos meus horários de acordo com as minhas necessidades de saídas para os estágios, a Escola Girassol Tempo Integral Presidente Costa E Silva onde fiz o estágio e obtive base pratica para seguir com esse trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma breve descrição de como está organizado o Currículo do ensino de Arte normatizado pela LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais. E uma breve descrição sobre o que está sendo aplicado em salas de aula, de acordo com observação feita durante o estágio do Curso de Licenciatura Plena em Artes Cênicas no Município de Gurupi na Escola Girassol de Tempo Integral Presidente Costa e Silva, uma comparação envolvendo teoria e prática nas aulas de Arte. O tema abordado está sendo discutido pela comunidade de arte-educadores, visando uma mudança de paradigmas para adequação às exigências legais da LDB nº 9.394/96 e recentemente a Lei 13.278/2016, nos PCN's, oportunizando um enriquecimento no ensino-aprendizagem dos estudantes em todas as etapas educacionais contribuindo assim, para melhorias significativas e valorização do professor de Arte.

Palavras-chave: Teoria e Prática. Arte-educação. Estágio Supervisionado.

ABSTRACT

This paper presents a brief description of how it is organized the Art education curriculum recommended by the LDB and the National Curriculum Guidelines and which has been used in classrooms according to the observation made during the stage of the Plena Bachelor of Arts Performing in Gurupi County School Full Time Sunflower President Costa e Silva, the topic addressed needs more attention from educators in general, seeking a paradigm shift for compliance with legal requirements of LDB N. 9.394 / 96 and NCPs, providing opportunities to enrich the teaching and learning of students in all educational stages thus contributing to significant improvements. The Art ETA presente em all periods of cultural education of all people.

Keywords: Theory and Practice. Art education. Theater Games. pedagogical intervention.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ENSINO DE ARTE: sua história em nossa história.....	12
2.1 A importância do estudo da Arte.....	20
2.2 Metodologias e aprendizagem	24
2.3 Processo Avaliativo	25
3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: uma prática significativa.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Teoria e prática – um olhar a partir de observações e intervenções realizadas no estágio de regência” busca traçar um paralelo entre a teoria com a prática vivenciada durante os períodos de Estágio de Regência na Escola Girassol de Tempo Integral Presidente Costa e Silva, em especial o Projeto de Intervenção.

Buscando uma melhor compreensão entre a teoria e a prática foi realizada uma abordagem do ensino de Arte e sua importância, percorrendo também sobre as metodologias de aprendizagem e o processo de avaliação, trazendo a partir daí uma comparação desses processos com as práticas vivenciadas no estágio supervisionado.

O tema surgiu durante as aulas de Arte que ministrava porque sou formada em pedagogia e atualmente sou professora das séries iniciais em uma escola pública municipal aqui de Gurupi, mas, não tinha experiência específica não sabia exatamente o que trabalhar na disciplina de Arte, e nem como trabalhar. Porém buscava adquirir conhecimento através de pesquisas na internet, encontrei por exemplo, as revistas do professor Sassa que também tem um site que tem muitas atividades de Arte, buscava também subsídio nas revistas Nova Escola e nos próprios livros didáticos, isso ajudava, mas não supria as necessidades, porque a teoria que trazem é bem limitada. E mesmo tendo uma bagagem teórica, adquirida no decorrer do Curso, encontrava dificuldades para estabelecer a relação entre teoria e prática. Sabe-se que ainda é comum, aulas de Arte serem ministradas por professores que, até tem vontade de fazer um bom trabalho, porém não dominam o tema, sendo que isso prejudica o processo de ensino aprendizagem.

Esse trabalho baseia-se no processo realizado no Estágio Supervisionado e teve a participação de estudantes do 6º ao 9º anos. Com essa vivência foi possível perceber a importância de se trabalhar a Arte de acordo as orientações dos documentos oficiais. Sendo, portanto, fundamental buscar conhecimentos teóricos que destacam a necessidade do professor possuir, não somente conhecimentos teóricos, mas também habilidades práticas, para poder ministrar aulas de Arte.

O trabalho teve como principal objetivo analisar os referenciais curriculares que norteiam o ensino de Arte na Educação Básica contemporânea, visando vivenciar alguns dos desafios curriculares que cercam a educação brasileira, concernente ao ensino da Arte e sintonia entre LDB e Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, fazendo intervenção pedagógica objetivando quebrar alguns paradigmas ainda presentes nas aulas de arte sobre a prática que ainda são comuns em algumas escolas sobre como trabalhar essa disciplina e como fazer para que os estudantes se sintam valorizados a partir das da realização das atividades propostas.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, com método de abordagem fenomenológico dialético, no qual pretende-se experimentar as propostas teóricas através das práticas pedagógicas efetivadas quanto aos conteúdo e exercícios trabalhados nas aulas de arte, avaliar o nível de conhecimento dos alunos; se está de acordo ao esperado nas séries em questão, procurando perceber como eles veem essa disciplina.

Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas em alguns autores, entre eles Ana Mae Barbosa, Ferraz e Fusari, Maria Cândida Moraes, Olga Reverbil, consultando também os PCN's e a LDB, procurando compreender o pensamento dos autores através da prática realizada no Estágio.

O trabalho está organizado em dois capítulos, o primeiro intitulado "Ensino de arte: sua história em nossa história" vem tratar da trajetória da Arte no decorrer dos anos, seguido de três subcapítulos "A importância do estudo da arte, Metodologias e aprendizagem e Processo Avaliativo". Posteriormente no segundo capítulo "Estágio supervisionado: uma prática significativa", o relato sobre as experiências da autora no projeto de intervenção, seguido das considerações finais.

2. ENSINO DE ARTE: sua história em nossa história

A Lei 9394/96 no artigo 26 § 2º O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Segundo documentos que tratam sobre o ensino da arte, entre esses se destaca: Os PCN's Brasil (1997), afirma que o ensino-aprendizagem de Arte na Educação Básica, contribui com o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, que caracteriza um modo particular de perceber as experiências do ser humano. Ainda de acordo aos PCN's Brasil (1997), orienta aliar teoria e prática, o que possibilita interagir, contribuir e se necessário, intervir sobre a realidade vivenciada por estudantes e professores nas atividades realizadas. Porém, essa lei sofreu alteração com a Lei 13.278/2016, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diferentes níveis que envolvem a educação básica. Essa lei faz alteração a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei 9.394/1996) e ainda, estipula um prazo de cinco anos para que os órgãos responsáveis ofertem formação aos professores para implantar as mudanças exigidas.

Buscando maior compressão sobre o tema bem como encontrar respostas as dúvidas até então sem respostas, percebe-se na obra de Ana Mae Barbosa (2011, p. 14), podemos compreender que a prática do ensino das Artes tem sido ineficaz, pois o que se percebe é que, apesar de constar como obrigatória e estar presente nos PCN's, esse fato não tem contribuído para que ela seja incluída nos currículos escolares, como deveria ser, ou seja de forma a valorizar o seu potencial, proporcionando aos estudantes uma vivência contínua dessa linguagem em seu dia a dia escolar, no evoluir das séries, onde o estudante possa somar cada vez mais experiências na própria vivencia através de experiências a partir da Arte.

Segundo Maria Heloísa C. de T. Ferraz e Maria F. de Rezende e Fusari (2009, p. 141), “Os professores, em sua formação, necessitam de conhecimentos consistentes para transportar suas vivências para a sala de aula”. Colocação que nos faz refletir sobre a necessidade dos professores serem formados nas diferentes áreas dessa disciplina que são artes plásticas, dança música e teatro, pois ao contrário não terão sequer uma vivência para transmitir aos seus educandos, sendo

assim, o ensino se torna incoerente, não havendo a valorizando das diferentes vertentes. É nesse sentido que Barbosa (2011, p. 15) aponta, “A falta de uma preparação de pessoal para entender Arte antes de ensiná-la é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade”. O professor precisa realmente ter uma vivência, para poder orientar os estudantes no seu fazer artístico, por isso é essencial ter professores específicos e cada um atuar na sua área quem for formado em dança, deve trabalhar com dança, o professor de música, trabalhar com música e assim sucessivamente.

Conforme afirmação de Viola Spolin (1999, p. 12) “Os jogos teatrais são muitas vezes, relacionados com uma forma de aprendizagem cognitiva, afetiva e psicomotora embasada no modelo piagetiano para o desenvolvimento intelectual”. Segundo a Professora e pesquisadora Maria Candido Moraes (2010, p. 20), o atual modelo de educação requer algumas mudanças para que a aprendizagem aconteça de maneira que possa formar cidadãos autônomos, ela coloca que esse modelo não faz com que a criatividade seja desenvolvida, e sem esse desenvolvimento não se chegará a um trabalho cooperativo. Em consequência inicia-se um processo de mudança conceitual, surge uma forma de pensamento totalmente diferente, uma transição de um modelo, para outro, isso decorrente da insatisfação com modelos predominantes que precisam ser modificados em busca de uma inovação necessária dentro do ensino de Arte.

Para Olga Reverbel (1997, p. 24), a arte é expressiva, a criança aprende atuando, sendo necessário que o professor ofereça as condições necessárias para que a criança possa desenvolver as atividades de forma livre e com respeito, é preciso ser respeitado o nível de conhecimento da criança, deve se evitar notas ou conceitos nas produções, porque cada criança deve criar livremente e dentro de suas possibilidades e a imitação é considerada o primeiro estágio de desenvolvimento do ser humano, sendo assim se faz necessário que o professor aponte várias possibilidades para enriquecimento dessa criatividade.

Vemos em Viola Spolin, (2011, p. 31), que os jogos e brincadeiras, são parte importante para facilitar o processo de socialização da criança, pois favorece sua integração ao grupo, o interagir com outras crianças a torna mais espontânea e aberta ao aprendizado, sendo que “a maioria dos jogos é altamente social e propõe um problema que deve ser solucionado [...]”. Tudo com a orientação do facilitador, que seja um professor da área de Artes.

Conforme a teoria sócio-cultural¹, de Lev Vygotsky “Ele acreditava que a aprendizagem na criança podia ocorrer através do jogo, da brincadeira, da instrução formal ou do trabalho entre um aprendiz e um aprendiz mais experiente”. Segundo ele, no momento que os signos culturais vão sendo internalizados pelo sujeito os humanos adquirem a capacidade de uma ordem de pensamento mais elevada, pois as estruturas sociais e as relações sociais levam ao desenvolvimento das funções mentais.

Percebemos que é bem longa a trajetória já percorrida, na busca da inserção da Arte na Educação, vem ao longo da história, passando por muitos debates e manifestações de educadores, que buscavam reconhecimento da Arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens. Para que ela fosse incluída como componente curricular obrigatório da educação básica. A área de Arte, assim constituída, refere-se às linguagens artísticas, como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança. Como mostram os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Desde o início da história da humanidade, a arte tem se mostrado como uma práxis presente em todas as manifestações culturais. O homem que desenhou um bisão em uma caverna pré-histórica teve de aprender e construir conhecimentos para difundir essa prática. E, da mesma maneira, compartilhar com as outras pessoas o que aprendeu. A aprendizagem e o ensino da arte sempre existiram e se transformaram, ao longo da história, de acordo com normas e valores estabelecidos, em diferentes ambientes culturais. (BRASIL, 1998 p. 19, 20)

No meio educacional a pesquisadora que se destacou no ensino de Arte, por ter influenciado fortemente a área da educação teatral, foi Viola Spolin, a norte-americana que desempenhou um importante papel nos EUA, quando criou os “Jogos Teatrais” ou Improvisação Teatral. Trouxe esse método, sempre acreditando na espontaneidade e na experiência através do jogo para o aprendizado do teatro.

Nesse cenário temos Olga Garcia Reverbel, teórica e professora, pioneira nos estudos e práticas das relações entre teatro e educação no Brasil. Escreveu vários livros sobre o tema. Ela ficou conhecida nacionalmente por ser uma das precursoras do movimento “Teatro e Educação”, junto às questões da cena e da educação contemporânea, presentes nos debates sobre ensino de teatro.

¹ Retirado do site Nota Positiva - Psicologia do Desenvolvimento. Disponível em <http://www.notapositiva.com/old/trab_professores/textos_apoio/psicologia/psicdesenvcontrteoricas.htm>. Acesso em 20 de maio de 2017.

Ana Mae Barbosa é outra referência no Brasil o para o ensino de arte nas escolas. Barbosa (2011 p.17) destaca que, a escola tinha o compromisso apenas com o desenvolvimento da expressão pessoal do aluno, realidade que perdurou até os anos 80. Atualmente a Arte-Educação acrescenta a livre interpretação da obra de arte com o objetivo de ensino, os arte-educadores baseiam-se na construção do conhecimento em Arte e sua contextualização histórica e/ou estética. Buscando influenciar positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes, através do ensino e aprendizagem da arte, pois a linguagem artística não pode ser transmitida por nenhum outro tipo de linguagem que não seja a própria Arte.

Segundo os PCN's Brasil (2007, p. 25), A partir dos anos 80 surgiu a mobilização para a conscientização sobre o movimento Arte-Educação, de início o objetivo foi despertar nos profissionais o desejo de mudança, respeito e valorização, os grupos de professores de Arte, tanto da educação formal quanto os da educação informal passaram a refletir sobre as aulas, como ministrar aulas mais atraentes que fossem capazes de envolver o aluno, e que pudessem ter uma aprendizagem significativa onde o estudante pudesse ser criativo, o compreendesse o processo de criação, o saber fazer buscando a não defasagem do ensino.

Encontramos em Maria Candido Moraes (2010 p.16), uma colocação referente à defasagem no ensino/aprendizagem, ela acredita que a educação continua apresentando resultados muito preocupantes em todo o mundo, fato que atribui ao modo tradicional que os professores continuam a utilizar, não deixando a velha maneira como foram ensinados, o que faz com que o aprendiz se afaste do processo de construção do conhecimento, agindo de forma a conservar uma sociedade que produz seres incapazes de criar, pensar, construir e reconstruir conhecimentos o estudante não está sendo incentivado

Segundo Ingrid Dormien Koudela (2011, p. 28), uma das principais características do homem em comparação com os primatas, é sua imaginação, sua capacidade de viver expressando-se de várias maneiras, buscando meios de descobrir, inventar, criar, inovar ou aperfeiçoar, com o intuito de representar algo. Na sociedade atual, na qual todas as relações estão estabelecidas pela organização e planificação do crescimento científico e tecnológico, faz se necessário que haja espaço na sala de aula para as concepções atuais, que envolvem Arte e educação, de modo especial à prática dos jogos teatrais que fazem o diferencial nas aulas de

Arte, através dos quais, o estudante poderá compreender o que está sendo ensinado com maior facilidade.

O mundo globalizado influencia no desenvolvimento, de modo que as transformações envolvem também a educação, como vemos em Ferraz e Fusari (2009, p. 38) esses avanços alcançam a sociedade, tanto nos aspectos singulares quanto nos múltiplos, pois o indivíduo é “consciente de sua condição como cidadão do planeta, mas também preparado para as transformações e para ser transformador e integrado em sua cultura”. A Arte está inserida dentro desse contexto, e recebe fortemente as interferências sociais e culturais presentes no ensino, isso está interferindo e modificando as aulas de arte atualmente, ainda que de forma lenta.

Seguindo a abordagem das autoras sobre teatro, ainda hoje, são percebidas mudanças muito lentas, é comum nas escolas o teatro está voltado para datas comemorativas, sendo desenvolvido sem muita técnica e, na maioria das vezes realizado rapidamente, só para se apresentar em datas comemorativas. Não dando muita importância ao verdadeiro objetivo do teatro. Falta nos profissionais envolvidos no sistema o conhecimento sobre o verdadeiro significado do ensino de arte para que os professores possam trabalhar de maneira significativa facilitando o saber fazer percebe-se que mesmo quando tem professores com conhecimento a parte pedagógica pode interferir negativamente por falta de conhecimento, evitando a transmissão correta e ao mesmo tempo que os alunos compreendam de que forma deve ser trabalhada essa arte, não valorizando o processo que os mesmos precisam vivenciar.

Ao referir-se ao assunto, Barbosa (2011, p. 20, 21) traz o pensamento de Paulo Freire, o qual coloca que a segregação cultural deve ser rejeitada pelos educadores, afirma ainda que uma educação libertária só terá sucesso quando os envolvidos na educação forem capazes de entender sua importância na cultura e se orgulharem dela.

Para Moraes (2010, p. 55), Há uma necessidade de romper paradigmas o que implica em tomar decisões a respeito de uma transformação na forma de compreender as coisas e aceitar os fundamentos de uma teoria que foi feita ou, é aceita pela grande maioria de uma comunidade científica no caso específico. E para que seja rompido faz-se necessário que a comunidade científica aponte vários problemas relacionados com as atividades desenvolvidas e que são prejudicadas

por não ter inovação, estão sendo ameaçadas segundo a própria comunidade científica, ou seja, os teóricos.

Outro aspecto levantado por Moraes (2010, p. 55), aponta que é preciso um novo debate para o surgimento de novas ideias, para que se articule rumo a novas buscas, e a reconstruções, isso só ocorrerá a partir de novas pesquisas, que consequentemente trará a transição de um modelo, para outro. Compreendendo que essa mudança partiu da insatisfação com os modelos predominantes, sendo modificados em busca de inovação necessária dentro do ensino de Arte.

A proposta Triangular de Ana Mae (COUTINHO, 2011, p. 50), “é uma opção formativa de tendência pós-moderna, pois concebe a arte como expressão e como cultura e propõe uma aprendizagem de tipo dialógico, construtivista e multicultural”. A qual procura englobar vários pontos de ensino aprendizagem ao mesmo tempo, e os principais são: leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer). Retornado ao pensamento de Moraes, o qual compreende que:

A matriz educacional que se apresenta com base no novo paradigma é muito ampla em todos os sentidos, revela o início de um período de aprendizado sem fronteiras, limites de idade e pré-requisitos burocráticos traduz uma nova abertura em relação à comunidade na qual a escola está inserida. (MORAES, 2010, p.180)

Vemos aqui que o que está sendo proposto é a participação da comunidade com o ambiente escolar, trazendo a escola para a comunidade e a comunidade para a escola, porém o que se percebe quanto a isso é que essa “abertura” raramente acontece, de ambos os lados. Com relação à participação da comunidade, a meu ver, faz-se necessário uma aproximação mais autêntica, em especial entre os pais ou responsáveis pelo estudante e a escola, pois o que se percebe muitas vezes, é um distanciamento entre responsáveis e escola, precisa haver comunicação ente as partes, os responsáveis não devem deixar apenas para a escola o papel de educar.

Em Ingrid Koudela (2010, p.120), podemos constatar, que no modelo epistemológico a criança estabelece uma relação dialética com a realidade, constrói conhecimento constantemente e, através dessa assimilação consegue incorporar observações e informações que envolvem pensamento e interação simbólica. As atividades necessitam ser trabalhadas nas escolas de modo a facilitar o processo de

ensino aprendizagem dos estudantes, é preciso que as escolas tenham em seu quadro de professores os formados em Arte nas diversas áreas, isso porque, referente à educação em Arte, ainda é bem comum encontrar lugares que a formação de profissionais que ministram as aulas, ainda é bem precária, quase que igual à década de 30. Período que começou as aulas de Arte nas escolas.

Segundo Ferraz e Fusari (1999, p. 99), existem professores que restringem sua interferência educativa, na organização das aulas somente com atividades de colorir, desenhos prontos para o aluno colorir, há professores que assumem essa postura porque desconhecem ou não se preocupam em interferir de modo mais significativo em relação aos estudantes em valorizar a própria cultura ou ainda buscar compreender e respeitar as diferentes culturas dos próprios colegas de sala, as elaborações criativas pessoais deles, bem como as suas transformações sensíveis-cognitivas.

Segundo Sandra Chacra (2010, p. 41), os seres humanos, assim, como os animais, são dotados de espontaneidade, são perfeitamente observáveis em seus comportamentos, nem tudo precisa ser ensinado, agem naturalmente. Na concepção de Ferraz e Fusari (2009, p. 25) “[...] a arte pode e deve ser ensinada e aprendida na escola”, a partir do exposto, percebe-se que a Arte faz o ser humano ir à busca de aprendizado, o que facilita a interação e, ao mesmo tempo favorece as condições em adquirir novos saberes.

Segundo Barbosa, (2008, p.100) “através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, a capacidade crítica e criadora”. De acordo a essa abordagem, é através da arte que o estudante pode compreender melhor os conteúdos transmitidos, tornando-se um ser mais dinâmico, participativo das atividades, o que pode melhorar também o seu próprio convívio social. Segundo Ferraz e Fusari (2009, p.140, 141), os educadores em sua capacitação, necessitam de conhecimentos consistentes para transportar suas vivências para a sala de aula.

Na abordagem de Barbosa (2003, p. 23), Através da Arte pode-se, desenvolver várias habilidades como a percepção e a imaginação, favorecendo o estudante compreender a realidade do meio ambiente, e a partir dessa observação ampliar a capacidade prática, que permite ao indivíduo investigar a realidade percebida de maneira a modificá-la.

Encontramos nos PCN's (BRASIL, 1997, p. 30), que é função do professor, escolher metodologias e recursos didáticos adequados para expor as

informações, observando sempre a necessidade de introduzir meios artísticos, ensinar arte com arte demonstra criatividade do professor, a sensibilidade, o querer fazer com que os estudantes tenham o prazer de experimentar processos criativos. O professor precisa descobrir meios capazes, sondar o conhecimento do aluno, através de experimento incentivando o estudante a produzir e reproduzir as diferentes linguagens artísticas e, assim, entrar em contato com a produção histórica e social da Arte, verificar sua própria produção e também a de seus colegas, o professor de Arte precisa ter conhecimento aliado à prática, só assim poderá contribuir para que o estudante tenha segurança, e entenda que sua produção pode ser única. O professor por ser o mediador da aprendizagem precisa favorecer o processo de ensino aprendizagem dos estudantes, e uma das formas que pode utilizar é se apropriando dos jogos teatrais.

Para Piaget (1975, apud KOUDELA 2011, p. 35), a expressividade da criança é uma manifestação sensível da inteligência simbólica egocêntrica, que se opera no sujeito ao passar de uma concepção de mundo egocêntrica, para uma concepção descentrada do Eu, as operações concretas iniciam o processo de reversibilidade do pensamento. Esse princípio irá operar uma transformação interna na noção de símbolo na criança. Integrada ao pensamento, a assimilação egocêntrica do jogo simbólico cede lugar à imaginação criadora. Viola Spolin entende que:

Todas as partes do indivíduo funcionam juntas como uma unidade de trabalho, como um pequeno todo orgânico maior que é a estrutura do jogo. Dessa experiência integrada, surge o indivíduo total dentro do ambiente total, e aparece o apoio e a confiança que permite ao indivíduo abrir-se e desenvolver qualquer habilidade necessária para a comunicação dentro do jogo. (SPOLIN, 2001, p. 5, 6)

Dessa forma o trabalho com jogos necessita ser adaptado a cada faixa etária, levando em consideração que, dependendo da idade a criança não está preparada para o jogo com regras, sendo assim o “Jogo Teatral”, no qual há um grupo que faz e outro que observa, não é apropriado para essa faixa etária, porém deve-se trabalhar com elas o “Jogo Dramático” no qual ela terá liberdade de “brincar” livremente explorando diversas áreas cognitivas através do seu faz de conta, compreendendo seu espaço e respeitando o dos colegas.

Segundo Moaci Alves Carneiro (2007, p. 123), a Arte contribui com a formação social e intelectual dos indivíduos, de uma maneira que favorece a aprendizagem, a interação social e o convívio, porque o cidadão desde cedo passa a aprender as regras de convivência em sociedade, onde cada um tem seu próprio espaço e precisa saber respeitar o espaço dos outros. A organização escolar deve ser constituída por um currículo flexível, embasado nos princípios estéticos, políticos e éticos, capaz de valorizar os conhecimentos de teor histórico, geográfico, socioeconômico, psicológico e antropológico, os quais constituem insumos fundamentais de interpretação da História Cultural das sociedades e, portanto, instrumentos de sinalização e clarificação dos contornos do pensamento e do conhecimento nas transações e confrontações da atividade humana.

A partir da colocação de Ferraz e Fusari (2009, p. 176, 177), podemos compreender que o trabalho do Arte-educador deve trazer consigo características que relacionem de forma interativa a criança e o adulto, “criança-criança e criança-adulto-ambiente natural e cultural”, esse processo deve ser realizado de forma dinâmica e criativa, o que possibilitará ao professor uma dinâmica de trabalho com maior rendimento, na qual ele poderá explorar os processos criativos dos estudantes embasado no que foi observado a partir dessa interação.

2.1 A importância do estudo da Arte

Muito se discute sobre a importância da Arte e de sua aplicação na educação, porém muitas vezes o que se percebe é uma “banalização” da Arte, no sentido de não lhe inserir com propriedade dentro da educação escolar, vemos em Barbosa (2011, p. 21) que, “Se a Arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional”. Colocação que a autora faz no sentido de refutar o uso da Arte apenas como um meio de liberação das emoções, não que ela não alcance essa finalidade. Porém ao fazer uso da Arte é necessário ter objetivos claros, e ao trabalhar o emocional, que seja voltado para a reflexão, no sentido pessoal e na coletividade, procurando levar o indivíduo a refletir suas emoções e perceber-se no lugar do outro.

Para cada etapa o professor deve ter objetivos definidos e cautela ao trabalhar com o emocional do estudante. Arte é cultura, o professor precisa incentivar o estudante a fazer o estudo de modo a perceber a mediação de arte e público, o educando é um ser dotado de sentidos, portanto é capaz de associar e perceber-se como sujeito receptor dessa cultura.

Segundo Smith (1986 apud BARBOSA, 2011, p.163), “Não basta apenas dizer que Arte deve ser estudada como assunto no currículo, o compromisso com a excelência no ensino de Arte e a excelência na educação é fundamental”. Há uma necessidade de um ensino sequenciado a fim de engajar o estudante a dedicar-se no mundo artístico e estético com autonomia, que seja capaz de fazer julgamento independente e experiência em níveis compatíveis com o seu aprendizado.

Os PCN's Brasil (1997, p. 56), afirmam que o ensino-aprendizagem de Arte na Educação Básica, contribui com o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, que caracteriza um modo particular de perceber as experiências do ser humano. Por meio dessas experiências, o aluno aumenta a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Vemos em José Carlos Libâneo que:

A escola necessária é a que provê formação cultural e científica que possibilita o contato dos alunos com a cultura, aquela cultura provida pela ciência, pela técnica, pela linguagem, pela estética, pela ética. Especialmente, uma escola de qualidade é aquela que inclui, uma escola contra a exclusão econômica, política, cultural, pedagógica. (LIBÂNEO 2008, p. 51)

O ser humano é capaz de interferir no meio em que vive de maneira significativa, se for desenvolvido nele a capacidade de ser crítico e reflexivo, ele será capaz de mudar a realidade com suas ações, e uma das maneiras possíveis para que isso aconteça é através das aulas de Arte, que poderão ser um estímulo a tomada de decisões. Falamos aqui da Arte como um todo, não apenas de uma área específica, mas, as distintas vertentes e suas diferentes ramificações.

Cada educando deve ser incentivado a participar de todas as atividades dentro da área de Artes, sendo que sempre haverá uma com a qual mais se identificará, é papel do professor mostrar aos seus alunos essas atividades, de forma dinâmica e criativa, com uma metodologia adequada a cada faixa etária, para despertar o interesse e a curiosidade em aprender sempre mais, pois a Arte ocupa

um lugar indispensável na vida das pessoas e em toda a sociedade. Para Marta de Oliveira Koll:

O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. O único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Os procedimentos regulares que ocorrem na escola – demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções – são fundamentais na promoção do “bom ensino”. Isto é, a criança não tem condições de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo. (KOLL, 2010, p. 64)

Compreendemos então que a Arte deve ser feita e apreciada por diferentes pessoas, cada sociedade tem, em sua própria cultura algo a ser reproduzido como forma de não deixar ficar no esquecimento a sua história. Atualmente muito se estuda, sobre achados importantíssimos encontrados em cavernas, sítios arqueológicos, o que demonstra para aquela sociedade e as demais, a importância que tiveram, contribuindo com o patrimônio cultural e social. Valorizando o saber fazer de cada povo, levando seus ensinamentos à diante, o que serve como incentivo para o povo da contemporaneidade deixar para as futuras gerações o seu legado artístico e cultural, valorizando assim cada período da história. Como vemos em Ferraz e Fusari:

Desde a infância, tanto as crianças como nós, professores e pais, interagimos com as manifestações culturais de nosso meio. Aprendemos a demonstrar nosso prazer e desprazer, gosto e rejeição, por imagens, objetos, sons, ruídos, músicas, falas, movimentos, histórias, e informações com as quais interagimos e nos comunicamos na vida cotidiana [...]. (FERRAZ e FUSARI, 2009, p.18,19)

A escola tem papel fundamental nessa divulgação cultural, valorizando a pesquisa e incentivando novas descobertas, contribuindo com as experiências dos diferentes grupos existentes em seu meio, para uma disseminação artística mais sólida, onde as práticas “saber fazer” sejam respeitadas e aceitas por todos, para que os estudantes de Arte saibam que existem as diferenças culturais e que isso faz parte da diversidade cultural, portanto requer cuidado e respeito.

Para Barbosa (2005, p. 98), A Arte merece um estudo em particular, pois tem finalidade, conceitos e habilidades específicas. Por isso, exige seu próprio

tempo e espaço dentro do currículo. Atualmente as aulas de Arte devem seguir as orientações dos PCN's, (2003) entre elas, explicitando conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino quanto à aprendizagem, porque à Arte é uma manifestação humana, portanto deve ser compreendida. Na Constituição Federal em seu Capítulo III artigo 206 inciso II, determina que o ensino seja ministrado nos seguintes princípios: Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas.

Compreendemos a partir da colocação de José Carlos Libâneo (1991, p. 54-5 apud FUSARI, 2009, p. 27), que o mediador do processo ensino aprendizagem, o professor, precisa valorizar o saber fazer dos educandos, ter conhecimento para incentivar o fazer artístico, a pesquisa e posteriormente a divulgação dos trabalhos realizados, é importante para os estudantes receberem incentivos adequados de seus professores, ter suas atividades expostas para a comunidade, às vezes servindo de exemplo e inspiração para outros colegas que poderão trocar experiências e a partir dessa interação produzir trabalhos mais elaborados. Toda a comunidade escolar precisa se envolver nas atividades culturais da escola, orientando, dando sugestões e intervindo quando necessário, porque o homem é um ser que sempre está em busca de melhorar suas atividades e quando consegue, logo busca novos desafios.

De acordo aos PCN's, as aulas de arte são muito importantes para a formação do cidadão integralmente para tanto, percebe-se a necessidade do ensino ser ministrado por professores de cada uma das quatro áreas específicas, para que nem o educando e, nem os professores se sintam frustrados, e que nenhum tenha prejuízo no processo de ensino aprendizagem. Para reforçar essa ideia os PCN's (BRASIL, 1997, p. 37) destaca que, ensino de Arte é área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno.

Os PCN's (BRASIL, 1997, p. 56) também mostram que o educador de artes precisa ter conhecimento vasto para encorajar o estudante a descobrir novos caminhos, porque arte também é pesquisa, é descoberta, arte e acima de tudo cultura e toda sociedade tem cultura que está inserida em seus costumes, e que deve ser estudado, registrada e divulgada para a comunidade local. E ainda que

esse educador, precisa ter conhecimento teórico aliado à prática, para ser o facilitador dessa aprendizagem de forma a despertar o interesse dos estudantes com atividades desafiadoras e apropriadas a cada idade. Incentivando o desenvolvimento de atitudes de autoconfiança nas tomadas de decisões em relação às produções pessoais, respeitando as produções dos outros; valorização da capacidade lúdica, da flexibilidade, do espírito de investigação como aspectos importantes da experiência artística. Reverbel acredita que:

Através do jogo, a criança dinamiza as capacidades que decorrem de sua estrutura particular e realiza os potenciais virtuais que afloram sucessivamente à superfície de seu ser. Ela os assimila e desenvolve, une-os e complica-os, em suma, coordena seu ser e lhe dá vigor. (REVERBEL, 1997, p. 35)

Ponto importante para que o educador possa direcionar sua linha de trabalho, compreendendo que o jogo possibilita o desenvolvimento da inteligência, por isso deve ser estimulado desde a infância.

2.2 Metodologias e aprendizagem

Metodologia segundo o Dicionário Silveira Bueno (2007, p. 510), significa Tratado dos métodos, arte de dirigir o espírito na investigação da verdade; orientação para o ensino de uma disciplina. Seguindo essa definição entende-se que metodologia pode ser compreendida como um meio que pode ser usado para conseguir alcançar um objetivo.

Segundo Ferraz e Fusari (2009, p. 139), “A metodologia do ensino-aprendizagem de arte refere-se aos encaminhamentos educativos postos em prática nas aulas de arte”. As metodologias são procedimentos que o professor utiliza para facilitar o processo de ensino aprendizagem do educando. Vygotsky afirma que:

Todo inventor, até mesmo um gênio, é sempre consequência de seu tempo e ambiente. Sua criatividade deriva das necessidades que foram antes criadas dele e baseia-se nas possibilidades que, uma vez mais, existem fora dele. É por isso que observamos uma continuidade rigorosa no desenvolvimento histórico da tecnologia e da ciência. Nenhuma invenção ou descoberta científica aparece antes de serem criadas as condições materiais e psicológicas necessárias para o seu surgimento. A criatividade é um processo historicamente contínuo em que cada forma seguinte é determinada pelas precedentes (VYGOTSKY, 1998, p.11)

Compreendemos então a necessidade de se criar ambientes propício para que a Arte ganhe espaço dentro da educação, e cresça dando frutos de aprendizado. Isso só pode ser alcançado através de metodologias adequadas. Segundo Barbosa (2011, p. 57), “No ensino de Arte é preciso pensar em desafios instigadores, desafios estéticos”. Voltar o pensamento ao processo de ensino aprendizagem em Arte, de forma a evidenciar os saberes, para que não fique um conhecimento sem foco. Preparando antecipadamente para evitar que haja entendimento diferente entre o que o educador pretende transmitir, com o que o educando vai conseguir compreender.

Vemos em Olga Reverbel (1997, p. 41, 42), que existem muitas maneiras para sensibilizar um grupo de estudantes, pode ser através de debates em torno do tema, mímicas de situações, e interpretação de tipos ou personagens, porém isso não visa forçar a consciência dos estudantes, mas procura explicar de forma clara os acontecimentos, o professor deve fazer essa abordagem de forma simples e com uma linguagem familiar, facilitando a compreensão por parte do aluno para que, compreendendo possa participar efetivamente.

2.3 Processo Avaliativo

Avaliar tem vários significados e, para Cipriano Carlos Luckesi (2003, p. 94), Avaliação educacional é um ato rigoroso de acompanhamento de aprendizagem do educando, ela permite tomar conhecimento do que se aprendeu e do que não se aprendeu, visando reorientar o educando para que supere suas dificuldades e carências na medida em que o que importa é aprender. Avaliar é uma prática comum e necessária, o educador precisa de uma base para saber o que o estudante já sabe e quais competências e habilidades ele já possui, e quais poderá adquirir posteriormente.

O professor precisa está constantemente avaliando o saber fazer dos estudantes para dar continuidade às atividades propostas, deve avaliar enquanto ensina e ensinar enquanto avalia. Para que possa obter resultados mais satisfatórios possíveis. Avaliar as atividades artísticas e estéticas de um educando é muito complexo, porque a avaliação precisa constatar o percurso do estudante para realizar determinado trabalho e depois estabelecer um conceito, de modo que possa

ser favorável a essa produção, tentando valorizar, porém, sem exagero a produção desses estudantes. Cabe ao professor planejar e estabelecer como a avaliação vai ser feita, como será dado o feedback ao aluno. Segundo Luckesi:

Muitas vezes nossos educandos são competentes em suas habilidades, mas nossos instrumentos de coleta de dados são inadequados e, por isso, os julgamos incorretamente, como incompetentes. Na verdade, o defeito está em nossos instrumentos de avaliação da aprendizagem e não no desempenho do aluno. Bons instrumentos de avaliação da aprendizagem são condições de uma prática satisfatória de avaliação na escola (LUCKESI, 2003, p. 42)

Segundo Ferraz e Fusari (2003, p. 162), A avaliação tem como objetivo verificar e acompanhar o aprendizado, buscando subsidiar o educando de modo que possa contribuir auxiliando-o onde houver deficiência, porque avaliação é um meio e não um fim em si mesmo, não se dá em um vazio conceitual, mas, mostra na prática das aulas as concepções de mundo de educação e de arte que o professor tem. Por isso, é um modelo transformador, a prática avaliativa na escola preocupa-se mais com os indicadores de mudança (como a autonomia e formação crítica do educando). Necessário à participação democrática de todos na sociedade sobre o processo de avaliação destaca que é de suma importância que o professor possa tomar uma decisão sobre como trabalhar com o educando, cabendo ao educador saber que, avaliação será feita em cada momento das atividades. Vemos em Maria Cândido Moraes que:

Se estamos preocupados em formar indivíduos autônomos, criativos, críticos, cooperativos e solidários e fraternos, mais integrados e harmoniosos, capazes de explorar o universo de suas construções intelectuais, teremos de optar por um tipo de paradigma educacionais diferente dos modelos convencionais atuais e que, por sua vez, foram influenciados por determinadas correntes psicológicas e filosóficas, ancoradas num determinado paradigma adotado pela ciência. (MORAES 2010, p. 20)

Por essa razão faz-se necessário uma retomada de posição, no sentido de reformular as bases do ensino da Arte, não somente no papel, mas de fato na prática da sala de aula, compreendendo que Arte é uma área de conhecimento e precisa ser aplicada e avaliada com propriedade.

Segundo Luckesi (2003, p.12), o educador pode fazer uma avaliação diagnóstica onde deve escolher o modelo criteriosamente com antecedência, sendo

que a mesma pode ser uma atividade comum, ou o professor pode criar um modelo, desde que tenha condição de coletar os dados necessários.

Após vem a avaliação que ele chamou de “diagnóstica e processual” “onde o professor deve ter” atenção especial, porque o resultado vai depender de como esse estudante será acompanhado, não tem como definir um resultado, ou seja, o estudante pode melhorar ou não; a próxima etapa é dinâmica e deve ser levada em conta a situação, cabendo ao professor mudar essa realidade, são alguns exemplos de como avaliar. O professor precisa ser flexível, dinâmico e criativo não sendo diferente no momento de aplicar avaliação com os estudantes para desenvolver um bom trabalho, de acordo as competências e habilidades que cada um busca adquirir.

Segundo Rejane G. Coutinho; Ana Mae Barbosa (2011 p. 153), O educador passou a ser um objeto de pesquisa em produções acadêmicas e tanto sua atuação profissional, quanto a própria história de vida ganharam destaque. Tem-se buscado liberdade profissional, do professor que deduz clareza e responsabilidade nas tomadas de decisões e escolhas do que ensinar e como ensinar. Essa inquietação faz necessária diante da atual situação reflexiva porque é preciso ter cuidado com a formação do professor, sujeito que “forma” outras pessoas. Sendo preciso aprender a aprender a ensinar.

Segundo Moraes, (2010, p. 164) “a criatividade é uma característica inerente à natureza humana, mas que precisa encontrar condições favoráveis para sua expressão”. Sendo necessário repensar a escola, o currículo e as metodologias, os ambientes de aprendizagens, a necessária formação de professores nessa área, de forma a incluir estratégias que cultivem a imaginação, a atividade criadora na sala de aula e incentive a espontaneidade, a iniciativa o senso de humor, a curiosidade o questionamento de si mesmo. Criando condições favoráveis para que eles possam criar um espaço pra a fantasia e o jogo imaginário para o respeito às diferenças, para a cooperação e o compartilhamento, para a aceitação de si mesmo e dos outros. Enfim, um espaço criativo em que a criança realmente se sinta feliz e alegre, em decorrência da participação em atividades que sejam criativas e produtivas, o que demandaria mudanças radicais na estrutura do atual sistema educacional.

3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: uma prática significativa

O estágio tem papel importante na vida de todo profissional, pois é ele que favorece uma vivência mais aprofundada com seu futuro ambiente de trabalho, sendo assim os profissionais da educação necessitam dessa aproximação, que começa com uma visão geral da estrutura física, observações, coleta de dados de diversos aspectos de uma escola e seu funcionamento, para então na sequência ter um contato mais direto com a sala de aula e com os estudantes, os quais irão acrescentar grande bagagem ao trabalho do Arte educador.

Pois no decorrer da graduação aprende-se na teoria, as práticas são realizadas, porém sem esse contato com o estudante, sendo assim não se tem uma troca de saberes, como ocorre quando se vai para a sala de aula. Sendo uma forma de oportunizar ao estudante de Artes Cênicas vivenciar a prática na sala de aula, bem como, buscar compreender a teoria aliada a prática.

De acordo aos PCN's, o ensino de Arte deve instigar o estudante a desenvolver sua competência estética nas mais diferentes modalidades de arte, tais como (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro) para poder conhecer, apreciar e até desfrutar desses bens, a arte deve ser trabalhada em sua magnitude.

Relatarei experiências vivenciadas no Estágio IV, Projeto de Intervenção, no qual foi desenvolvido o projeto “Bailocantins: Resgatando a Cultura e a Identidade Tocantinense”. Após a finalização da escolha do tema reuniu-se com a equipe pedagógica e a gestão da unidade escolar, para apresentação do projeto, já com o projeto aprovado, realizou-se a divulgação nas salas de aula, dando início as inscrições para as oficinas que envolviam teorias e práticas configurando assim o início de um resgate cultural.

Pensado a partir das necessidades detectadas durante os estágios anteriores, pois se percebeu que os estudantes poderiam ter um melhor desenvolvimento se fossem incentivados com atividades diferenciadas das quais estavam acostumados a realizar nas aulas de teatro. Objetivando compreender a Arte como fenômeno histórico, contextualizando na cultura Tocantinense, observando e compreendendo as produções existentes em seu entorno, podendo relacioná-la como patrimônio artístico, cultural e universal. Por compreender que a escola precisa inserir no currículo atividades que valorizem a cultura local, buscou-

se valorizar nesse projeto algumas danças que fazem parte da cultura regional, e que estão ficando esquecidas. Trabalhando a temática “Cultura Popular” foi realizada uma pesquisa mais ampla sobre a dança do coco. Com o objetivo de valorizar e resgatar as culturas tocantinenses e mostrar aos estudantes que cultura também abrange os costumes de um povo, e que são aprendidas e se evolui com o passar do tempo, sendo assim todo povo precisa conhecer e respeitar suas raízes.

Entende-se a necessidade de a cultura local ser divulgada, para que as novas gerações possam aprender e valorizar a cultura dos seus antepassados, de modo que contribua significativamente com novos conhecimentos e enriqueçam a cultura das gerações presentes e futuras, para que os costumes tradicionais não fiquem no esquecimento. Como vemos em Carlos Rodrigues Brandão:

Aquilo que se reproduz entre pescadores, índios e camponeses como saber, crença ou arte reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida e a circulação de trocas de bens, de serviços, de ritos e símbolos entre pessoas e grupos sociais. (BRANDÃO, 1984, p. 38)

A partir dessa colocação do autor sobre o folclore, entendemos que é algo que precisa estar em “circulação” podemos dizer assim, necessita ser reproduzido, compartilhado, mesmo com variações, para que não se perca, não desapareça. Dentro da escola não é diferente, a gestão precisa articular projetos e tomar decisões que favoreçam esse aprendizado cultural, buscando sempre envolver os grupos de diferentes etnias, para que haja uma troca de experiência cultural.

Com essa visão o projeto foi realizado na Escola Estadual Girassol de Tempo integral Presidente Costa e Silva, bem como as etapas anteriores do Estágio, tendo o Professor Pablo Marquinho Pessoa Pinheiro como orientador e como Professora Supervisora, Ademilde Brito, teve início em vinte de março de dois mil e quatorze, encerrando em quinze de agosto do mesmo.

Com o trabalho realizado pelos estagiários, foi dado início ao processo de ensino, que buscava valorizar a identidade cultural de um povo ou comunidade, através de oficinas, pensando-se uma forma de promover um estudo e resgate da cultura tocantinense, utilizando para tanto o teatro, a dança, o figurino, os adereços e a sonoplastia, procurou realizar um trabalho com a participação de estudantes do 6º ao 9º ano, tendo como culminância uma apresentação, resultante do trabalho desenvolvido durante dois meses, aberto a toda a comunidade.

Como vemos em Viola Spolin, (2010 p. 30, 31), os estudantes precisam se desenvolver, e os jogos teatrais são capazes de desenvolver as habilidades de ação, reação, espontaneidade e relacionamento em grupo. Segundo a autora, através de brincadeiras, as habilidades necessárias para o jogo são desenvolvidas. Ao tratar da sala de aula a contribuição de uma criança só poderá ser colocada de forma honesta, através da liberdade, portanto o jogador precisa estar livre para interagir e experimentar seu ambiente social e físico.

O estudante precisa ter seu eu desenvolvido e isso só poderá acontecer se tiver envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico, e intuitivo. Segundo Olga Reverbel (1997, p. 34), estímulos ou provocação são necessários para despertar os interesses, quanto mais rico, melhor para que a criança possa se encontrar no contexto exposto, para que o aluno possa despertar o entusiasmo e a vontade de participar das atividades culturais. E para isso não basta que o professor o ponha em contato com fatos e situações variadas, faz-se necessário que o professor tenha entusiasmo para mostrar e o estudante perceba que pode vivenciar e experimentar livremente e possa avaliar criticamente em seu meio. Pois como vemos em Barbosa (2003, p. 23), a arte possibilita o desenvolvimento, a percepção e a imaginação, o contribuído assim para a formação de um indivíduo com capacidade crítica, para mudar a realidade, que foi analisada.

Todo povo tem algo a ser apresentado, valorizado e preservado, deixando assim, um legado cultural inigualável as futuras gerações. Portanto cabe ao educador trabalhar considerando sempre o processo que seja capaz de promover a formação artística e estética do educando e a sua participação na sociedade.

A inventividade é um processo histórico em que cada forma seguinte é determinada pelos precedentes a necessidade de se conhecer um objeto pode facilitar o desenvolvimento das atividades sucessivas, o conhecimento acadêmico deve iniciar por meio de observações em espaços que sejam capazes de promover o prazer, o bem-estar, abrindo novos horizontes para manifestações espontâneas e críticas. Marta Khol de Oliveira coloca que:

[...] a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. O único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Os procedimentos regulares que ocorrem na escola – demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções – são fundamentais na

promoção do “bom ensino”. Isto é, a criança não tem condições de sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo. (OLIVEIRA, 1988, p. 62)

Percebeu-se ao realizar o estágio de regência, através das intervenções, a importância dos jogos teatrais na educação dos estudantes, no momento da realização das atividades práticas, na sala de teatro, pôde-se perceber que já estavam familiarizados com as atividades práticas, sendo assim a abordagem sobre o tema foi tranquila. Realizamos jogos teatrais, seguindo já a rotina da escola bem como o plano de curso da professora regente. Através da obra de Ferraz e Fusari, vemos que, para Cenafor:

[...] agir no interior da escola é contribuir para transformar a própria sociedade. Cabe à escola difundir os conteúdos vivos, concretos, indissolavelmente ligados às realidades sociais. Os métodos de ensino não partem de um saber espontâneo, mas de uma relação direta com a experiência do aluno confrontando saber com o saber trazido de fora. O professor é mediador da relação pedagógica [...]. (CENAFOR, 1983, p. 30 apud FERRAZ e FUSARI, 2009, p. 54-55)

Percebemos então, que ao se trabalhar os jogos teatrais, faz-se necessário que o professor facilitador procure interagir a dinâmica dos jogos com os saberes que os estudantes trazem consigo, do seu dia a dia, isso irá enriquecer o trabalho, contribuindo assim para uma melhor compreensão, resultando em ganho na função pedagógica do jogo. Esse processo ocorreu no momento das aulas, através das observações, nas atividades diversificadas e conversas com a equipe pedagógica, para se chegar ao desenvolvimento da última etapa do estágio na escola, o projeto de intervenção.

E para contribuir de modo significativo com o resgate da cultura local, como parte essencial, da história de um povo, buscando seu fortalecimento, tendo a participação ativa dos estudantes, os quais se dispuseram a engajar no projeto, bem como os educadores e toda a comunidade escolar.

Alguns estudantes contribuíram ajudando de modo muito especial, tocando os instrumentos no momento dos ensaios e continuaram até a culminância do projeto, valorizando assim, o saber que eles já possuíam e agregando novos conhecimentos, visto que as oficinas contaram com parte teórica e prática.

Durante o desenvolvimento das aulas de Estágio foi percebido que muitos estudantes conheciam sobre o assunto que estava sendo estudando, porém, por

algum motivo evitavam participar, não valorizavam a cultura da própria família, não percebendo que sua própria história estava se perdendo e que, em pouco tempo poderia desaparecer, se ninguém divulgasse suas vivências.

Conforme Moraes (2010, p. 163), o novo paradigma educacional emergente requer locais de aprendizagens e metodologias que facilite o desenvolvimento dos diferentes estágios que caracterizam o processo de geração de novas ideias, de novas generalizações, de novas expressões poéticas, como o paradigma emergente vem sinalizando. Barbosa (2008, p. 267), acredita que: “Os alunos precisam de habilidades críticas para endereçar questões sociais e decidir, após pensar muito, como alguns grupos, se beneficiam ou prejudicam outros pela prática e decisões colonialistas”. Alguns se negam a continuar divulgando seus saberes por vários motivos, entre os quais, ser discriminado socialmente, por fazer parte de uma cultura considerada “arcaica” e vão se apropriando de outras culturas consideradas modernas e esquecendo da própria cultura.

Ainda de acordo Barbosa (2003, p. 170, 171), apesar dos avanços no estudo da arte africana, as principais determinantes para sua criação ainda permanecem desconhecidas, arrancados de seu ambiente, de suas referências geográficas, de suas funções rituais, dos olhares de seus partícipes, esses objetos não seriam mais que resíduos de crenças tribais para o preconceito tão longamente afirmado, mas a força e a mansidão que emanam de cada um deles não nos permite ignorá-los. Tentemos, portanto avançar um pouco além de sua discreta presença, buscar sentidos que nós mesmos possamos conferir-lhes e, a partir dos próprios objetos, procuremos sondar esta misteriosa materialidade africana.

Ainda de acordo Brandão, é importante contribuir para o resgate de uma cultura, quando ela está sendo esquecida com as transformações que acompanham as mudanças ocorridas, de modo geral evitar que o povo perca seus costumes e tradições deve-se valorizar o passado.

Dentre elas trabalhamos com os estudantes a Folia de Reis², “de origem portuguesa, a Folia de Reis é uma Festa católica ligada à comemoração do Natal, comemorada desde o século XIX. Segundo a lenda, quando Jesus nasceu, três reis magos foram visitá-lo, levando presentes”. Ao levar essa proposta para os estudantes sabíamos que era uma temática que provavelmente eles já estavam

² As citações a seguir foram retiradas do site da Info Escola. Por Michele Borges. Disponível em <<http://www.infoescola.com/datas-comemorativas/folia-de-reis/>>. Acesso em 20 de maio de 2017.

familiarizados, porém procuramos além da teoria, levá-los a encenar parte dessa tradição com a apresentação dos palhaços. “Essa data, fixada em 6 de janeiro, passou a ter grande importância em países de origem latina, especialmente os que a cultura é de origem espanhola. Em alguns lugares esta comemoração se tornou mais importante até que o próprio Natal”.

Percebemos que ela é bem forte em algumas cidades do Tocantins, como em Natividade, Porto Nacional e Miranorte. Podemos destacar também a riqueza cultural musical que essa tradição traz, pois utilizam vários instrumentos musicais em suas apresentações, “Os instrumentos utilizados normalmente são a viola caipira, o acordeom ou sanfona, a gaita, o reco-reco e a flauta. Liderados pelo Capitão da Folia, seguem reverenciando a bandeira, carregada pelo bandeireiro”. Tem também a figura do “Bastião ou palhaço, que usa roupas coloridas, máscara e carrega uma espada e é o responsável por abrir passagem para a Folia, também recita poesias e cita passagens da Bíblia”. Todos esses personagens seguem cada um cumprindo o seu papel, sendo que os “Os demais participantes se dividem de forma que cada um cante de uma maneira no coro de vozes”. Dessa forma cada um tem uma função para a realização da “Folia”, seus principais personagens são³:

- Os Três reis magos: que representam os reis magos que visitaram Jesus e o presentearam com incenso, ouro e mirra.
- O Mestre palhaço - chamados em outras folias de alferes, mascarados, Mateus, Morongo, Marengo, Pastorinhos, Malungos. São os mascarados, vestidos com roupas coloridas e segurando em suas mãos a espada, confeccionada em madeira. Diz-se que eram espias de Herodes que seguiram os Magos para encontrar o Menino Jesus e matá-lo. Ao encontrarem o Menino acabaram se convertendo. Com receio de serem mortos por Herodes, vestiram uma máscara e viajaram com os Santos Reis. iam à frente, fazendo graça e micagens para que Herodes não desconfiasse que eram soldados. São responsáveis pela animação da festa, através de danças, pulos e brincadeiras.
- O Coro: que canta as músicas, louvores e entoações de cânticos religiosos.
- O Mestre: responsável pela organização da festa.
- O Bandeireiro: espécie de porta bandeiras da festa. A bandeira geralmente é feita com tecido brilhante e tem a imagem dos três reis magos estampas.

³ Retirado do portal de pesquisas Temáticas e Educacionais – Sua Pesquisa.com. Disponível em http://www.suapesquisa.com/musicacultura/folia_reis.htm. Acesso em 20 de maio de 2017.

- O Festeiro: é em sua casa que geralmente ocorre a cerimônia da “tirada da bandeira”.
- Banda musical: músicos uniformizados tocando violão, sanfona, zabumba, pandeiro, surdo, caixa, triângulo e flauta.

O trabalho com os estudantes foi pautado nessa tradição, voltado para a representação teatral, procurando, além de levá-los a compreender a riqueza dessa tradição, vincular essa experiência ao fazer teatral, trazendo para seu corpo a personagem do Bastião.

Figura 01 - Estudantes representando a festa dos Reis no Projeto Bailocantins



Fonte: Acervo da autora (2014)

Outro aspecto levantado por Brandão (1984, p. 44), é que: “Os folcloristas reconhecem no ritual da Folia de Santos Reis um fato folclórico. Ela é uma persistência cultural popular, é uma tradição muito antiga do catolicismo de folk”. Como forma de resgatar a cultura local faz atividades envolvendo as áreas culturais que de certo modo estão ficando no esquecimento. Dessa forma, durante as aulas de Estágio, buscou-se realizar esse resgate, interagindo diretamente com a comunidade local, idealizando um projeto com algumas atividades regionais, entre elas fez-se a dança do coco, que proporcionou uma integração entre escola e acadêmicos de Arte Cênicas.

Em Ferraz e Fusari, (2009, p. 158), podemos compreender que o estudo do ensino de Arte, favorece maior interação com os estudantes, o que os torna capaz de introduzir nas diferentes situações de vivência, buscando uma união entre prática e teoria de educação escolar em Arte. A importância de o estagiário poder

participar ativamente das atividades de estágio, de modo que consiga por em prática as teorias aprendidas, e possa conhecer mais de perto o funcionamento da escola, tendo uma maior aproximação com os estudantes, interagindo e intervindo se necessário para que a educação seja de fato significativa, tanto para o estagiário quanto para o estudante da escola campo. Além de se trabalhar com os estudantes a dança do coco, foi confeccionada também uma maquete com símbolos que representam essa cultura, para ser usada na culminância do projeto, envolvendo também assim um trabalho de artes visuais.

Figura 02 - Maquete criada para a apresentação da culminância



Fonte: acervo da autora (2014)

A Dança do coco trata-se de uma “Dança⁴ típica das regiões praieiras é conhecida em todo o Norte e Nordeste do Brasil”. Existem algumas colocações quanto a sua origem, porém a maioria dos folcloristas concorda “que o coco teve origem no canto dos tiradores de coco, e que só depois se transformou em ritmo dançado”. A dança tradicional de maneira geral apresenta uma coreografia básica, “na qual os participantes formam filas ou rodas onde executam o sapateado característico, respondem o coco, trocam umbigadas entre si e com os pares vizinhos e batem palmas marcando o ritmo”. É comum também a presença do mestre “cantado” que puxa os cantos já conhecidos dos participantes ou de

⁴ As citações a seguir se encontram na fonte: GASPARG, Lúcia. J Coco (dança). Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20 de maio 2017.

improvisado. Pode ser dançado com ou sem calçados e não é preciso vestuário próprio.

Também acompanhada por instrumentos, sendo que os mais utilizados são os de percussão: “ganzá, bombos, zabumbas, caracaxás, pandeiros e cuícas. Para se formar uma roda de coco, no entanto, não são necessários todos estes instrumentos, bastando às vezes as palmas ritmadas dos seus participantes”. O coco é um folguedo do ciclo junino, porém é dançado também em outras épocas do ano. O ritmo contagiante do coco influenciou muitos compositores populares como Chico Science e Alceu Valença, e até bandas de rock pernambucanas, cultura que apesar da decadência, também está presente no Tocantins, temos a música “Coco Livre S/A” de composição do cantor Tocantinense, Genésio Tocantins. De início nossa intenção era de trabalhar essa música com os estudantes, porém tivemos alguns contratempos e então decidimos trabalhar a dança com a música Coco Peneruê de Waldemar Henrique, interpretação de Alice Ribeiro. Mas procuramos repassar aos estudantes, embora de forma resumida devido ao pouco tempo, as contribuições do compositor e de sua obra, para a difusão dessa dança no Tocantins.

Figuras 03 e 04 - Apresentação da dança do coco na culminância do Projeto



Fonte: acervo da autora (2014)

Foi possível perceber que as atividades realizadas, durante as oficinas do Projeto de Estágio, foram proveitosas, apesar de alguns estudantes não terem levado muito a sério, isso foi percebido devido à diminuição dos participantes no decorrer dos ensaios do projeto. Sabemos que depende também da aceitação, do interesse do estudante em participar ou não do que está sendo trabalhado.

E como essa linguagem é pouco trabalhada no dia a dia da escola, configura-se em algo que acaba por não prender a atenção do estudante. Nesse sentido vemos em Barbosa (2009, p. 101), que no processo de ensino aprendizagem tudo acontece através do diálogo, da intermediação, da necessidade e do interesse da interação do sujeito com o objeto. Logo, se esse interesse não existe caberá ao professor procurar interagir com o sujeito de modo a aguçar seu interesse pelo objeto, que nesse caso era o jogo teatral, trazido com a finalidade de despertar o corpo do estudante para as propostas a serem trabalhadas no projeto, colocando-o assim em contato com essas linguagens. Vemos em Moraes que:

Criando ambientes de aprendizagens que favoreçam o desenvolvimento dos diferentes estágios que caracterizam o processo de geração de novas ideias de novas generalizações, de novas expressões poéticas como o paradigma emergente vem sinalizando. Repensando a educação no sentido de criar condições mais propícias para o desenvolvimento de uma intuição e da criatividade, como condições que possibilitem momentos para a investigação dos problemas em todas as possíveis direções-momentos de relaxamento e de iluminação inesperada, bem como para o desenvolvimento de uma atividade logico-racional por meio da qual se exercerá o sentido crítico avaliando ou reformulando ideias. (MORAES, 2010, p.163)

Essa informação vem reforçar que a escola por ser um lugar de buscas deve estar sempre inovando como forma de melhorar o aprendizado dos estudantes, atualmente, houve mudanças significativas nas áreas das ciências o que deve implicar também na adequação do processo de ensino aprendizagem, porém algumas práticas pedagógicas ainda continuam sendo seguidas de maneira que a ciência considera impropria, para muitos pesquisadores e filósofos como sendo ultrapassado. Talvez um dos motivos pelo qual alguns estudantes não se sentiam estimulados a participar das atividades culturais, desenvolvidas no estágio tenha sido a falta de costume com a inovação. Procuramos levar também, uma apresentação realizada pelos acadêmicos, para apreciação da comunidade escolar.

Figura 5 - Comunidade escolar assistindo apresentação realizada por acadêmicos



Fonte: acervo da autora (2014)

O Estágio supervisionado permitiu uma aproximação do estagiário com o mundo exterior, permitiu que fosse feita uma ligação entre teoria e prática, o saber acadêmico pode contribuir com um público diversificado, interagindo culturalmente de forma que os dois saberes foram valorizados, contribuindo assim, para o enriquecimento da comunidade local, e também dos acadêmicos.

O paradigma emergente focaliza o indivíduo como sendo um ser constituído de corpo, mente, sentimento e espírito, e ao mesmo tempo sujeito de sua própria história, que necessita estar sempre em formação para que a cada dia possa compreender e orientar seu comportamento e consiga viver em sociedade com a própria natureza.

Esse modelo envolve mudanças de consciência e de opinião, individual e coletiva, onde cada um deve aprender de acordo as suas possibilidades e capacidades intelectuais. Educar para uma cidadania global é incentivar os estudante a buscar mudanças, onde possam reconhecer que necessitam de processos individuais e coletivos, baseado na conexão do indivíduo com o todo.

De acordo ao novo paradigma emergente a escola por ser um sistema aberto pressupõe uma melhor interação e aproveitamento dos recursos humanos e físicos, almeja maior compromisso de todos os envolvidos cujo objetivo é sempre o estudante no centro do contexto, sendo preservadas as limitações cognitivas ou habilidades motoras, e incentivado ao mesmo tempo a abertura de novas possibilidades, para que seja capaz de aprender a aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que esse trabalho possa contribuir de maneira significativa, que sirva de suporte aqueles que, de uma forma ou de outra busque compreender teorias e experiências aqui relatadas. A arte faz parte da vida de cada pessoa, sendo ele alfabetizado ou não, falante ou não falante, cada povo tem seu modo de viver, sentir e apreciá-la, com base em alguns pesquisadores, teóricos e escritores, foi possível perceber que a arte é parte fundamental na vida do ser humano, é por meio dela é possível desenvolver e aguçar os sentidos.

A arte deve ser entendida como parte importante de uma cultura, onde as manifestações culturais estão presentes, podendo abrir espaços para os alunos liberarem a imaginação em diferentes situações, cabendo ao educador a intervenção pedagógica com informações que se fizerem necessárias sobre o processo de ensino aprendizagem. É dever do professor, portanto, ampliar as metodologias, para facilitar o processo de aquisição do saber do estudante.

A educação que se busca atualmente deve estar voltada para a valorização do estudante, que produz conhecimento de maneira crítica e criativa, o novo paradigma emergente educacional reconhece que tudo está em movimento, interligado e que o processo é mais importante que o produto, pois o sujeito está experimentando e com isso vai adquirindo novos saberes.

Os profissionais da educação de modo especial, os arte-educadores precisam refletir, sobre a função de educar esteticamente para a Arte, para que valorize o processo em que o aprendiz se encontra. Manifestando assim a importância da própria cultura para a continuidade da história e valorização dos descendentes dessa cultura, no meio em que esteja inserido, reforçando também que não existem culturas superiores, nem inferiores, pois todas fazem parte da história de vida de um povo, o que contribuí com o processo de globalização atual.

Pode-se perceber a aceitação da intervenção realizada na escola, a comunidade contribuiu muito com todo o processo, auxiliando em tudo, permitindo o uso dos equipamentos, dos espaços. O que facilitou todo o processo, acredita-se que a contribuição social com a mesma também foi muito boa, descobrindo nos estudantes o gosto pelas diferentes áreas ali trabalhadas.

Muitos estudantes que eram puderam revelar que área tem mais afinidade, quanto que outros melhoraram na leitura e escrita e também declamação de poesia, e o próprio jogo teatral que foi o trabalho com os que representaram a folia dos Reis.

Acredita-se ter alcançado os objetivo do projeto, bem como contribuído com o papel social da escola e meu como estagiária que foi valorizar a arte pela a arte, onde o estudante foi valorizado durante o processo com intervenções sempre que necessária para que o resultado final fosse bom e que o aluno se sentisse o percursos do processo, se sentisse respeitado porque o trabalho exposto foi feito por ele com intervenções somente para melhorar o resultado final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Formação Docente Ensino da Arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos**. Unesp/Redefor Módulo I Disciplina 02. São Paulo, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que É Folclore**. 4. ed. Editora Brasiliense S.A, 1984.

BRASIL, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Diário Oficial da União, Brasília/DF, n. 248, dez. 1996.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 45 p. (Série legislação; n. 118) Atualizada em 20/5/2014. ISBN 978-85-402-0217-7.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998. 116 p.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. e FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

KOUDELA, Ingrid Dormiem. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p, 41.

BRECHT, **um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____, **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____, **Jogos Teatrais na Pedagogia do Teatro**. FAEB 2011. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/uploads/boletins/boletim-59.pdf>> Acessado em 15/11/2014

MORAES, Maria Candido. **O paradigma educacional emergente** 15ª Ed. Campinas/SP: Papyrus, 2010.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5 ed. revista e ampliada. Goiânia: MF Livros, 2008.

_____. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem na escola: Reelaborando conceito e recriando a prática**/Malabares, 2003. 98p.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento: Um Processo Sócio-Histórico** (Pensamento e Ação no Magistério). SP: Editora Scipione, 1998.

REVERBEL, Olga. **O teatro na sala de aula**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.